

APRESENTAÇÃO

*Lélia Parreira Duarte**

Nada fica da nada, nada somos.
(...)
Somos contos contando contos, nada.
(PESSOA, 1965, p. 289)

Depois de elaborar, no passado, questões relativas à identidade de Portugal, a afirmações de heroísmos e mitos e à discussão de uma ditadura e uma guerra colonial que atentavam contra a dignidade do ser humano, parece a Literatura Portuguesa dedicar-se atualmente à construção de uma arte literária que, embora fale muitas vezes dos mesmos problemas e lide também com aquelas significações imaginárias, procura essencialmente remeter ao saber de uma escrita que afirma apenas o que não pode ser dito: o vazio da linguagem e da morte.

É como se a literatura portuguesa buscasse hoje, essencialmente, refletir o descentramento do sujeito, colocando tudo em questão para afirmar que a obra *é*, à prova de sua impossibilidade.

Nessa nova literatura a linguagem deixa portanto de ser transparente, para buscar a neutralidade e a impessoalidade do que recebe o poder de escrever de uma relação antecipada com a morte, isto é, da consciência de que sentidos e verdades constroem-se com significações imaginárias elaboradas de forma instável e ambígua.

Nessa perspectiva, a linguagem nada pode denunciar e salvar, pois ela é pura exterioridade: apenas superfície de inscrição de signos e subjetividades. A literatura não será mais, assim, uma arte humanista

* Diretora do Cespuc, editora da revista *Scripta* e professora do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

que pretende moralizar e defender o homem, glorificar os seus feitos e perpetuá-lo, ligando-o de maneira memorável à história, num movimento dialético e com a pedagogia de uma arte capaz de contestação ideológica, construção de utopias e identidades. Trata-se, pelo contrário, de desestabilização de significações, para chegar ao saber de uma escrita voltada para o lado de Fora e para a noite, num exercício da trapaça com que a arte introduz um pouco de jogo onde não há mais recurso nem controle.

A literatura portuguesa pode então trabalhar de outra forma a perspectiva crítica que a marcou, ao longo dos séculos, e que foi levada a efeito, certamente, com os recursos da ironia e do humor, artifícios de construção textual que fundamentam também o saber da escrita dos textos estudados, nos trabalhos que aqui se apresentam.

Significativamente, iniciam-se eles com dois textos de Teolinda Gersão: uma “Autobiografia” e um novo conto que parece continuá-la. Trata-se de autora que tem sido constantemente objeto de estudo nos cursos de Literatura Portuguesa Contemporânea ministrados na PUC Minas e que, gentilmente, cedeu esses textos para enriquecimento desta publicação.

Esperamos que este volume possa contribuir para um maior desenvolvimento de estudos sobre “O saber da escrita na literatura”, pois são eles, de modo geral, trabalhos finais de cursos sobre o tema, tendo como objeto obras de autores portugueses contemporâneos, como António Lobo Antunes, a própria Teolinda Gersão, Lídia Jorge e Augusto Abelaira. Incluem-se no volume, ainda, um estudo de poemas de Fernando Pessoa, uma comparação de contos de Eça de Queirós e Machado de Assis e, marcando a presença da Literatura Brasileira, uma análise de *Budapeste*, de Chico Buarque, e um estudo de lusitanismos presentes na obra do escritor paraense Dalcídio Jurandir.

Queremos registrar aqui o nosso agradecimento ao apoio do Instituto Camões às atividades do Cespuc e ainda à Profa. Astrid Masetti Lobo Costa e à Adriana Araújo Figueiredo, cuja colaboração permitiu levar esta publicação a bom termo.